

# MARX E A RÚSSIA: A LEITURA DE ANTONIO GRAMSCI E KARL KORSCH\*

Pedro Leão da Costa Neto\*\*

A reflexão sobre a obra de Marx e o marxismo nos oferece uma infinidade de possíveis caminhos. Entre os inúmeros caminhos, as relações entre Marx e mais tarde os pensadores marxistas com a Rússia são sem dúvida um trajeto de grande importância, tanto por nos oferecer uma pluralidade e fascinante riqueza de problemas, como pelos inúmeros paradoxos suscitados pelas diferentes leituras. O presente artigo tem por principal objetivo analisar as reflexões que Antonio Gramsci e Karl Korsch fizeram da recepção, na Rússia, da obra de Marx. Tentaremos, igualmente, problematizar a existência de uma eventual "proximidade" entre essas duas leituras e a que foi realizada por Plekhánov, "o pai do marxismo russo", destacado representante do marxismo da Segunda Internacional. Marxismo esse que se constituiu justamente em um dos objetivos centrais da crítica dos destacados representantes do marxismo ocidental. Antes, contudo, de nos ocuparmos das referidas questões, tentaremos indicar rapidamente a concepção que Karl Marx amadureceu, ao longo da segunda metade dos anos 1870 e do início dos anos 1880, sobre a possibilidade de uma revolução na Rússia, assim como o "seu esquecimento" nos anos sucessivos por parte da velha geração dos social-democratas russos.

## MARX E A RÚSSIA

Para compreendermos as mudanças ocorridas no ponto de vista de Marx sobre a Rússia, de bastião da contra-revolução européia para um país cuja revolução poderia servir de centelha para revolução na Europa, julgamos importante associá-las a um conjunto de transformações ocorridas na Europa a partir 1848. Por uma parte, a conjuntura européia marcada por uma sucessão de importantes reveses para o movimento revolucionário, como, por exemplo, a derrota da primavera dos povos, a recuperação e o fôlego crescente demonstrado pelo capitalismo frente as suas sucessivas crises cíclicas, a derrota da Comuna de Paris, seguida da semana sangrenta de repressão aos *communards*, e, enfim, as diferentes manifestações de uma crescente corrupção do movimento operário nos principais países capitalistas desenvolvidos; por outra parte, a Rússia passa a ser cada vez mais objeto de interesse de Marx, há a radicalização política crescente após a abolição da servidão em 1861 e surge a recepção da sua obra entre os russos – a primeira tradução de *O capital* para uma língua estrangeira será a russa em 1872 –, a sua correspondência com intelectuais e revolucionários russos e, por fim, uma série de estudos dedicados a esse imenso e desconhecido país. Tudo isso levará Marx a alterar sua posição anterior, eminentemente negativa, com relação ao futuro desenvolvimento da Rússia. Essa mudança não deixará de se expressar em uma nova reflexão sobre a possibilidade de diferentes vias históricas de desenvolvimento.

A discussão sobre a universalidade ou não das formas de desenvolvimento adquiriu uma particular importância a partir das observações desenvol-

\* Este artigo representa uma versão desenvolvida das comunicações apresentadas em 2003 no III Colóquio Marx e Engels realizado pelo Cemarx-Unicamp, sob o título *Algumas vicissitudes do pensamento de Marx sobre a Rússia: a leitura de Karl Korsch e Marx, e A Rússia: as leituras de Antonio Gramsci e Karl Korsch*, no Grupo de Trabalho Marxismo do XI Encontro Nacional de Filosofia, realizado em 2004.

\*\* Professor do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação e do curso de história da Universidade Tuiuti do Paraná.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.21.v0n46.4835>

vidas por Karl Marx no capítulo XXIV de *O capital*, dedicado à acumulação primitiva, onde analisa o surgimento da sociedade capitalista, partindo do exemplo histórico da sociedade inglesa:

O que faz época na história da acumulação primitiva são todos os revolucionamentos que servem de alavanca à classe capitalista em formação; porém, todos os momentos em que grandes massas humanas são arrancadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como proletários livres como pássaros. A expropriação da base fundiária do produtor rural, do camponês, forma a base de todo processo. Sua história assume coloridos diferentes nos diferentes países e percorre as várias fases em seqüência diversa e em diferentes épocas históricas. Apenas na Inglaterra, que, por isso, tomamos como exemplo, mostra-se em sua forma clássica.<sup>1</sup>

Já, no capítulo XXVI, da tradução francesa de sua obra, Marx acrescenta uma observação esclarecendo que o processo descrito teria validade apenas para a Europa ocidental, e que este se desenvolveria segundo as particularidades de cada país. No lugar das duas últimas frases, o autor acrescenta um novo parágrafo:

Ela só se efetuou de maneira radical na Inglaterra: portanto, esse país desempenhará necessariamente o papel principal em nosso esboço. Porém todos os outros países da Europa ocidental

percorrem o mesmo movimento, ainda que segundo o meio ele altere aquela cor local, ou se encerre em um âmbito mais estreito, ou apresente um caráter mais fortemente pronunciado, ou siga uma ordem de sucessão diferente.<sup>2</sup>

Uma rápida comparação entre as duas redações é suficiente para confirmar que na tradução france-



Gramsci



Karl Marx

sa posterior Marx restringe a validade de seu esboço histórico apenas para a Europa ocidental.

Será, entretanto, segundo nossa opinião, a partir da segunda metade dos anos 1870, onde encontraremos as mudanças mais importantes e significativas na obra de Marx. Nos

últimos anos de sua vida, como resultado da sua maior atenção dedicada ao caso russo e do seu intercâmbio epistolar com os teóricos e revolucionários russos, Marx problematizará a questão da necessidade do desenvolvimento capitalista da Rússia e da eventual possibilidade da comuna rural russa oferecer uma alternativa de desenvolvimento histórico que evitaria a necessidade de uma passagem pelo inferno capitalista. Exemplos dessa preocupação são, por exemplo, o rascunho de sua carta de 1877 à redação de *Otietchestviennie Zapiski*, os diferentes rascunhos e a resposta à carta de Vera Zasoulitch, de 1881,<sup>3</sup> e, por fim, o "Prefácio de 1882", à segunda edição russa do *Manifesto do partido comunista*.<sup>4</sup> Ao contrário deste último, os dois primeiros permaneceram inéditos por décadas.

No lugar da afirmação do pleno desenvolvimento das forças produtivas como condição indispensável à superação das limitações impostas pelo modo de produção capitalista, o autor de *O capital* introduz como questão central para a sua análise o conceito de contemporaneidade: "[...] é precisamente graças a contemporaneidade da produção capitalista, com a possibilidade de apropriar-se de todas as suas aquisições positivas, sem passar por suas peripécias (terríveis) espantosas".<sup>5</sup>

Marx sublinha em diferentes momentos a possibilidade da comuna rural se constituir em um ponto de partida que permita a emancipação social russa: "Pode chegar a ser o *ponto de partida direto* do sistema econômico ao qual tende a sociedade moderna e de transformar a sua existência sem começar por se suicidar".<sup>6</sup>

Em uma passagem caracterizada por uma extrema condicionalidade, Marx conclui:

Marx problematizará a questão da necessidade do desenvolvimento capitalista da Rússia e da eventual possibilidade da comuna rural russa oferecer uma alternativa de desenvolvimento histórico [...]

Se a revolução se efetuar em um momento oportuno, se concentrar todas as suas forças (se a parte inteligente da sociedade russa), (se a inteligência russa concentrar todas as forças vivas do país) em assegurar o livre desenvolvimento da comuna rural, esta se revelará rapidamente um elemento regenerador da sociedade russa e um elemento de superioridade sobre os países dominados pelo capitalismo.<sup>7</sup>

Por fim, no "Prefácio de 1882" à segunda edição russa de *O Manifesto comunista*, Marx e Engels interrogam sobre a própria possibilidade de uma revolução russa servir de sinal à revolução no Ocidente e a comuna rural russa servir de ponto de partida para uma transformação comunista:

Mas na Rússia vemos que, ao lado do florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa, que começa a desenvolver-se, mais da metade das terras é possuída em comum pelos camponeses o problema agora é: poderia a *obshchina* russa – forma já muito deteriorada da propriedade comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria primeiramente passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente? Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista.<sup>8</sup>

Estas inúmeras passagens não possuem apenas um significado teórico e político particular. Marx, refletindo a partir dessas condições históricas diversas, faz uma observação de alcance decisivo para uma nova compreensão da concepção materialista da história:

A todo o custo [o meu crítico] quer converter meu esboço histórico sobre as origens do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica sobre a trajetória geral a que se acham fatalmente submetidos todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas que nelas concorram, para chegar enfim naquela formação econômica que, a par do maior impulso das forças produtivas do



Vera Zasulich

trabalho social, assegura o desenvolvimento do homem em todos e cada um dos seus aspectos. (Isso me traz demasiada honra e, ao mesmo tempo, demasiado escárnio). [...] Estudando cada um desses processos históricos separadamente e comparando-os logo entre si, facilmente encontraríamos a chave para explicar estes fenômenos, resultado que jamais lograríamos ao contrário, com a chave universal de uma teoria geral da filosofia da história, cuja maior vantagem reside precisamente no fato de ser uma teoria supra-histórica.<sup>9</sup>

Entretanto, como sabemos, a publicação das referidas cartas só ocorreram postumamente e foi acompanhada de uma verdadeira peripécia.<sup>10</sup> Esquecidas por Plekhánov e pela velha geração de social-democratas russos, talvez porque não dessem a elas a sua devida importância ou, até mesmo, porque o seu conteúdo se chocasse com as novas posições defendidas por eles sobre a necessidade do desenvolvimento capitalista da Rússia e atrapalhariam, portanto, o combate político aos populistas.<sup>11</sup>

[...] a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, [...]

## PLEKHÁNOV E REVOLUÇÃO BURGUESA NA RÚSSIA

Após romper com os populistas e aderir ao marxismo, Plekhánov em seus escritos da década de 1880 trava uma acirrada polêmica com os teóricos *narodniks*, que defendiam a possibilidade de a Rússia passar para o socialismo sem a necessidade de uma anterior passagem pelo capitalismo. Em sua crítica endereçada a estes últimos – crítica esta que se prolongará ainda por décadas –, sistematiza o que chama as “verdadeiras tarefas dos socialistas na Rússia”. Segundo o “pai do marxismo russo”, essas tarefas se caracterizariam, por um lado, “em acelerar o processo de desenvolvimento, em eliminar os obstáculos que impedem o crescimento da força e consciência da classe operária e não em inventar



Engels

experiências sociais, cujo resultado se revelará sempre mais que duvidoso",<sup>12</sup> e, por outro lado, em lutar pelo "êxito de instituições políticas livres".<sup>13</sup> Ou seja, Plekhánov afirmava, baseado em uma concepção histórica etapista e determinista, a necessidade de uma revolução política burguesa e do desenvolvimento das relações capitalistas de produção antes do proletariado iniciar a sua luta pelo socialismo. Essa estratégia política, por sua vez, assentava os seus fundamentos em uma concepção de história determinada:

Se segue que o grau de preparação de um povo a uma verdadeira democracia, a uma democracia que não represente uma armadilha, depende do grau de seu desenvolvimento econômico. A clareza das relações econômicas conduz a uma clareza não menor nos agrupamentos políticos; o antagonismo entre o capital e o trabalho provoca a luta entre os partidos operários e burgueses. O desenvolvimento das forças produtivas aproxima a saída e assegura a vitória do proletariado. É assim que foi e que é sempre nos países "ocidentais".<sup>14</sup>

Em toda sua importante atividade teórica de sistematização e divulgação da concepção materialista da história, Plekhánov sempre afirmará o papel decisivo representado

pelo desenvolvimento das forças produtivas no processo histórico, este concebido como um processo dotado de uma legalidade natural, portanto necessário, linear e progressivo.<sup>15</sup>

Após, aproximadamente, trinta e sete anos de exílio e trinta e cinco anos da

redação de seus dois escritos em aberta polêmica com os populistas: *Socialismo e luta política* e *As nossas diferenças*; Plekhánov retorna à Rússia depois da derrubada do czarismo em fevereiro de 1917. Mantendo inalterada a sua concepção da necessidade de uma revolução burguesa e do desenvolvimento do capitalismo:

A Rússia atual sofre não tanto pelo desenvolvimento do capitalismo, mas antes pela sua falta. O problema histórico de nossos dias é o desenvolvimento das relações



Plekhánov

de produção em bases capitalistas [...]. Nós, socialistas, estamos convencidos que as relações de produção desenvolvidas se tornarão estreitas no interior do modo de produção capitalista e então o capitalismo deveria dar lugar ao socialismo.<sup>16</sup>

E, em outra passagem, referindo-se à possibilidade da revolução russa se transformar de burguesa em socialista, alerta contra os perigos dessa experiência histórica que julgava prematura:

O Estado atual não pode ser ainda um Estado socialista. Ele seria temporário. Existiria por pouco tempo, e a sua queda representaria a vitória da contra-revolução, que traria maiores obstáculos ao proletariado.<sup>17</sup>

Referindo-se à trajetória política e teórica de Plekhánov, I. Getzler observa, de forma conseqüente, sobre o caráter aistórico em que se transformou a concepção revolucionária do teórico marxista russo:

Na realidade, tendo feito do seu conceito de revolução burguesa uma doutrina imutável, com sua engenhosa autodisciplina de abstenção do poder, originariamente elaborada em relação à Rússia pré-industrial dos anos 80 e aos seus impacientes revolucionários populistas, transformara-a em seguida em um compromisso permanente de igual validade e aplicação para uma Rússia pós-Vitte, que conhecera quase trinta anos de industrialização e de urbanização [...]. Não é de surpreender que sua teoria revolucionária tenha-se revelado pateticamente irrelevante, e um obstáculo ideológico (certamente para os mencheviques) nas revoluções russas, nacionais, democráticas e sociais de 1905 e de 1917.<sup>18</sup>

## GRAMSCI E A REVOLUÇÃO CONTRA O CAPITAL

Gramsci, redator do jornal *Il Grido del Popolo*, se posicionou em diferentes momentos, entre fevereiro e outubro de 1917, em relação ao processo revolucionário que se desenvolvia na Rússia.<sup>19</sup> As notícias, confusas e fortemente filtradas pela censura, sobre os acontecimentos da Rússia chegavam à Itália no interior de uma conjuntura política marcada por uma crescente radicalização – os conflitos operários de Turim (agosto de 1917), o desastre militar de Caporetto (final de outubro e início

A Rússia atual sofre não tanto pelo desenvolvimento do capitalismo, mas antes pela sua falta.

de novembro) – e por uma acirrada polêmica com os setores reformistas no interior do PSI; nos dias 18 e 19 de novembro de 1917 se realiza na cidade de Florença, com a presença de Gramsci, Bordiga e Serrati, entre outros, uma reunião de uma fração “intransigente revolucionária”.

Para entendermos os escritos do revolucionário sardo desse momento histórico específico é igualmente importante fazermos referência à situação teórica italiana. Gramsci se forma no interior de uma atmosfera intelectual marcada, por um lado, pelo forte combate endereçado ao positivismo desenvolvido pelos dois grandes filósofos neo-idealistas italianos: Giovanni Gentile e Benedetto Croce; por outro lado, pela influência do pensamento do francês Georges Sorel. A filiação de Gramsci ao neo-hegelianismo italiano possui uma componente política direta, tanto em nível nacional como internacional; a defesa dos maximalistas russos corresponde à crítica ao reformismo e fatalismo positivista: “Talvez Kerenski represente a fatalidade histórica, Lênin representa o *devir socialista*; e nós estamos com ele, com toda a alma”.<sup>20</sup>

Porém será em seu emblemático “A revolução contra *O capital*”, no qual saúda entusiasticamente a vitória da revolução russa dos bolcheviques, onde esta crítica aparece mais desenvolvida:

A revolução dos bolcheviques se baseia mais em ideologia do que em fatos. (Por isso, no fundo, pouco nos importa saber mais do que sabemos). Ela é a revolução contra *O capital* de Karl Marx. *O capital* de Marx era, na Rússia, o livro dos burgueses, mais do que dos proletários. Era a demonstração crítica da fatal necessidade de que na Rússia se formasse uma burguesia, se iniciasse uma era capitalista, se instaurasse uma civilização de tipo ocidental, antes que o proletariado pudesse sequer pensar em sua desforra, em suas reivindicações de classe, em sua revolução. Os fatos superaram as ideologias. Os fatos fizeram explodir os esquemas críticos dentro dos quais a história da Rússia deveria se desenvolver segundo os cânones do materialismo histórico. Os bolcheviques renegam Karl Marx: afirmam – e com o testemunho da ação explicitada, das conquistas realizadas – que os cânones do materialismo histórico não são tão férreos como poderia se pensar e se pensar.

Contudo, há uma fatalidade também nesses eventos; e, se os bolcheviques renegam algumas afirmações de



Georges Sorel

*O capital*, não renegam seu pensamento imanente, vivificador. Eles apenas não são “marxistas”; não construíram a partir das obras do mestre uma doutrina rígida, feita de afirmações dogmáticas e indiscutíveis. Vivem o pensamento marxista, o que não morre nunca, que é a continuação do pensamento idealista italiano e alemão, e que em Marx se havia contaminado de incrustações positivistas e naturalistas.<sup>21</sup>

Como podemos facilmente constatar, se encontram aqui presentes diferentes motivos característicos da concepção gramsciana em seu momento de formação. Podemos destacar, por exemplo, a influência do idealismo de Croce e Gentile, da crítica ao reformismo fatalista e da defesa intransigente da atividade revolucionária.<sup>22</sup>

Particularmente importante para a nossa exposição é a leitura que Francisco Fernández Buey nos oferece desse texto gramsciano que tem sentido contrário à proposta por nós. O marxista catalão observa:

[...] se os bolcheviques renegam algumas afirmações de *O capital*, não renegam seu pensamento imanente, vivificador.

Não há necessidade de forçar a interpretação dos textos para afirmar a proximidade dessas linhas de Antonio Gramsci ao espírito e ao estilo metódico da tardia lição de Marx – uma das últimas, relacionada precisamente com a possibilidade da revolução na Rússia – a redação de *Otietchestviennie Zapiski*: “Assim pois, uns acontecimentos de chamativa analogia, porém desenvolvidos em diferentes meios históricos, desembocam em resultados completamente diferentes. Estudando cada um desses processos históricos separadamente e comparando-os logo entre si, facilmente encontraríamos a chave para explicar estes fenômenos, resultado que jamais lograríamos ao contrário, com a chave universal de uma teoria geral da filosofia da história, cuja maior vantagem reside precisamente no fato de ser uma teoria supra-histórica”.

Se dirá que Gramsci não pode conhecer esta carta de Marx. E é certo. A interessante lição de método que dela se depreende, Gramsci não a aprendeu nos “textos célebres”, senão, uma vez mais, na reflexão individual mediada pelo debate coletivo sobre uma realidade em cuja transformação se sentia imerso.<sup>23</sup>

Segundo o nosso entendimento seria arbitrário aproximar o referido texto de Gramsci dos escritos

tardios de Marx; a semelhança entre eles consiste apenas em uma aparência exterior, ou seja, na medida em que ambos se opõem à necessidade do pleno desenvolvimento das forças produtivas como condição necessária para a revolução. Entretanto, os dois autores partem de pressupostos teóricos distintos, enquanto Marx desenvolve sua concepção tardia a partir de uma análise das possibilidades criadas por um desenvolvimento específico das condições materiais criadas pelo capitalismo internacional – conceito de contemporaneidade – e pelas possibilidades abertas pela comuna rural russa, Gramsci, ao contrário, a vê no interior de uma concepção fortemente marcada pela atmosfera neidealista italiana, na qual um “suplemento” ideológico seria decisivo para ir além dos rígidos esquemas representados pelo *O capital*, que estaria



Lukács

contaminado por uma concepção de história influenciada pelo positivismo e pelo naturalismo.<sup>24</sup> Podemos ainda lembrar que, ao longo do ano de 1918, Gramsci reforçará ainda alguns aspectos dessa polêmica anti-reformista a partir de concepções oriundas do idealismo gentiliano.<sup>25</sup>

[...] os escritos de Gramsci estão igualmente marcados por uma forte polêmica política contra o reformismo positivista [...]

Como tentaremos mostrar mais detalhadamente em nossa conclusão, Gramsci nos oferece nesse período uma leitura própria da obra de Marx, e assim como a de Plekhánov, por exemplo, não conseguirá oferecer uma interpretação criativa de *O capital*.

#### KORSCH E A HISTÓRIA DO MARXISMO NA RÚSSIA

Como sabemos, Korsch foi, ao lado de Gramsci e Lukács, um dos grandes teóricos responsáveis pela elaboração de instigantes leituras da obra de Marx, numa ruptura com o marxismo da Segunda Internacional. São particularmente interessantes os comentários desenvolvidos por Karl Korsch, sobre os textos de Marx dedicados à questão russa, assim como os escritos de Gramsci estão igualmente mar-

cados por uma forte polêmica política contra o reformismo positivista que tanto marcou a socialdemocracia russa e os socialistas italianos. O objetivo de Korsch, entretanto, nos anos seguintes à sua ruptura com a Terceira Internacional e à expulsão do Partido Comunista da Alemanha, foi desenvolver uma crítica teórica e política ao leninismo.

Ao longo de sua produção teórica, as referências aos escritos de Marx, analisados anteriormente, são uma constante na reflexão korschiana

– em particular à carta de 1877 à redação de *Otietchestviennie Zapiski* – e nos indicam a importância que o autor atribui a elas. Como veremos, entretanto, a reconstrução do pensamento de Korsch no referente a essa questão esbarra em inúmeras dificuldades decorrentes das oscilações presentes na sua obra, em grande parte marcadas por suas posições políticas.

A partir do início dos anos 1920 já se encontram presentes na obra de Korsch as primeiras referências a esses escritos de Marx. Em seu “Kernpunkte der materialistischen Geschichtsauffassung”, de 1922 (artigo posteriormente reproduzido em *Marxismo e filosofia*), encontra-se reproduzida como apêndice a carta de Marx endereçada à redação de *Otietchestviennie Zapiski*. Em *Marxismo e filosofia* – um dos manifestos constitutivos do assim chamado marxismo ocidental – Korsch, referindo-se expressamente à carta a Mikhailovski (outra designação dada à carta anteriormente citada de 1877) e ao “Posfácio a segunda edição” de *O capital*, afirma que

[...] Marx contestou as críticas segundo as quais teria formulado, na sua *Crítica da economia política*, não se sabe que construções *a priori* ou uma teoria geral com valor, por assim dizer, supra-histórico e inspirado na filosofia da história.<sup>26</sup>

A partir do final dos anos 1920, Korsch voltará inúmeras vezes aos referidos textos, como exemplo de um dos pontos essenciais do marxismo segundo sua leitura, ou seja, do caráter *específico* das proposições teóricas de Marx. Korsch em seu *Anti-Kautsky* (1929) afirma: “[...] é suficiente acenar com as numerosas declarações com as quais Marx é expres-

samente acusado de formular leis de qualquer gênero e até mesmo leis 'universais' de caráter meta-histórico".<sup>27</sup>

Na introdução à sua edição de *O capital* (1932), Korsch afirma que Marx

[...] não pretendia nem remotamente converter seu novo princípio em uma teoria filosófica geral da história, que seria imposta desde o exterior sobre o padrão atual dos acontecimentos históricos. [...] Faz cinquenta anos Marx rechaçou algumas concepções errôneas sobre o método de *O Capital*, mantidas pelo sociólogo e idealista russo Mikhailovski, explicando que *O Capital*, em particular as conclusões a qual chegou na Seção Sétima sobre a acumulação primitiva, não pretendia ser nada mais que uma descrição histórica das origens e do desenvolvimento do capitalismo na Europa ocidental.<sup>28</sup>

O mesmo Korsch, em seu escrito *Por que soy marxista* (1935), retoma estas mesmas observações e acrescenta:

De fato, este meu argumento só repete e acentua um princípio que o mesmo Marx expressou explicitamente faz cinquenta anos ao corrigir o sociólogo idealista russo Mikhailovski em sua interpretação errônea do método de *O capital*. Certamente, constitui uma necessária implicação do princípio fundamental da pesquisa empírica que em nossos dias é somente negado por alguns metafísicos inveterados [...]. O princípio da dialética materialista, tal como está encarnado na economia marxiana, não significa outra coisa que a relação específica de todos os termos e proposições econômicas com os objetos *historicamente* determinados.<sup>29</sup>

Por fim, em seu importante trabalho monográfico *Karl Marx* (1938), na "Parte III: história, Capítulo 3: aplicação específica", no qual expõe o que designa como o princípio fundamental da teoria marxista, ele retorna ainda a este escrito. Referindo-se às "leis de desenvolvimento que governam a passagem de uma formação social a outra", nos remete à

[...] carta de Marx, do final de 1877, à redação de *Otchetstviennie Zapiski*, que, em resposta a um artigo do sociólogo russo Mikhailovski, ilustra o específico caráter histórico da exposição no final do livro I de *O capital*, da acumulação primitiva e da geral "tendência histórica da acumulação capitalista" que daí deriva.<sup>30</sup>



Korsch

Podemos, portanto, concluir a partir das passagens citadas que Korsch atribuiu uma grande importância à carta acima citada e que a utilizou com frequência para fundamentar sua concepção referente ao caráter específico de todos os enunciados marxistas, assim como da crítica a toda tentativa de transformar o marxismo em uma filosofia da história. Podemos supor que essa argumentação korschiana esteja estreitamente associada a seu entendimento de que os enunciados do materialismo histórico se aplicariam unicamente ao modo de produção capitalista.<sup>31</sup>

Korsch, por sua vez, desde os últimos anos da década de 1920 e ao longo dos anos 1930, cada vez mais isolado no interior do movimento comunista internacional e cada vez mais crítico quanto aos destinos da Rússia revolucionária, desenvolve sua crítica das concepções "das frações russas e alemãs do marxismo ortodoxo" representadas por Kautski e Lênin.<sup>32</sup> Desde a sua *Anticrítica* de 1930, se tornam cada vez mais presentes em seus escritos, referências críticas ao *Materialismo e empirocriticismo* de Lênin, que assumem uma maior sistematicidade na sua resenha ao livro de Pannekoek, *Lênin filósofo*.<sup>33</sup>

Entretanto, em outros escritos da mesma década de 1930, dedicados à questão da recepção do marxismo na Rússia, suas análises tendem a se distanciar radicalmente das que acabamos de reproduzir. Por exemplo, em seu escrito *Contribución a la história de la ideologia marxista en Rússia* (1932 e 1938), pretendia analisar, partindo do *princípio crítico materialista do marxismo*, o desenvolvimento do marxismo na Rússia e assim revelar "a contradição entre a *ideologia* marxista, por um lado, e, por outro, o *movimento* histórico real, que foi ocultando-se sob esse revestimento ideológico".<sup>34</sup> O autor de *Karl Marx* sublinha as modificações no conteúdo teórico-ideológico do marxismo original, para que este se adapte à realidade

O princípio da dialética materialista, [...] não significa outra coisa que a relação específica de todos os termos e proposições econômicas com os objetos *historicamente* determinados.

rusa no momento de sua revolução burguesa, nas últimas décadas do século XIX. Após reproduzir as palavras de Marx e Engels, escritas para o "Prefácio à segunda edição" do *Manifesto comunista* na Rússia, no qual afirmavam:

Mas na Rússia vemos que, ao lado do florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa, que começa a desenvolver-se, mais da metade das terras é possuída em comum pelos camponeses. O problema agora é: poderia a *obshchina* russa – forma já muito deteriorada da propriedade comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria primeiramente passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente? Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista.<sup>35</sup>

Korsch comentando esta passagem observa:

Nessas frases de Marx e em numerosas expressões semelhantes de Marx e Engels, que encontramos

no mesmo período em sua correspondência, em particular nas cartas ao teórico populista russo Nikolaion, na carta a Vera Zaslitch e na resposta a Mikhailovski, vem já, em um certo sentido, sendo antecipado todo o posterior desenvolvimento do marxismo russo e, sobretudo, a contradição que cada vez mais se abriu entre a ideologia e o real conteúdo histórico desse desenvolvimento.<sup>36</sup>

E argumenta na seqüência:

Também Marx e Engels, efetivamente, estavam dispostos, sob determinadas condições, a transformar sua teoria crítico-materialista "marxista" em favor de um movimento revolucionário no Oriente, realizando modificações oportunas no mero disfarce ideológico de um movimento revolucionário aparentemente socialista, que, porém, na sua substância real era limitado no sentido burguês.



Anton Pannekoek

Inicia-se assim, pois, essa peculiar *mudança histórica de função* pela qual o marxismo "recebido" pelos revolucionários russos se transformou no sucessivo desenvolvimento de expressão teórica de um movimento revolucionário proletário socialista em uma ideologia "socialista" de um movimento de construção burguesa capitalista. E desse modo se inicia também paralelamente a metamorfose teórica da doutrina marxista recebida nas suas origens mais ou menos "ortodoxamente" já a partir da época dos próprios Marx e Engels, e com a sua consciente e ativa colaboração se encaminha em direção de uma recíproca interpenetração e fusão de elementos ideológicos populistas e marxistas. Com as suas concessões ao

populismo revolucionário russo eles queriam permitir a temporária re-elaboração de sua teoria "marxista" em um *mito* revolucionário uma vez que a "revolução russa" por eles esperada naquela época e a "revolução operária" no Ocidente, provocada por aquela, de fato não se verificaram nos anos oitenta, e deram na realidade o primeiro passo em direção a permanente transformação de sua teoria revolucionária em uma mera ideologia em última instância paralisante e prejudicial para o real desenvolvimento revolucionário.<sup>37</sup>

É curioso destacar aqui a referência "mito", que nos remete à leitura de Marx realizada por G. Sorel, na qual afirmava que a concepção marxista de uma tendência geral do capitalismo rumo à catástrofe provocada por uma insurreição proletária deve ser classificada como uma forma de "mito".<sup>38</sup> É curioso que Korsch estendeu igualmente essa concepção de Sorel para a análise das crises do capitalismo e que também observou que as críticas que Lênin endereçava aos populistas estavam igualmente baseadas em um "mito".<sup>39</sup> Em um artigo redigido posteriormente observa nesse mesmo sentido:

[...] [a] postura abertamente inconseqüente e positiva de Marx e Engels frente aos intentos totalmente idealistas da revolucionária *Narodnaia Volia* de forçar, mediante ações terroristas, a erupção de uma revolução política, e, portanto, também social, nas condições reacionárias da Rússia czarista dos anos setenta e oitenta. Como mostramos detalhadamente em um artigo anterior [Korsch se refere ao artigo anteriormente citado], Marx e Engels não só estiveram dispostos a considerar a iminente erupção revolucionária da Rússia como um sinal para a revolução europeia generalizada de tipo jacobino, da qual poderia se dizer, como em 1885 escreveria Engels a Vera Zaslitch: "[...] se ali o 1789 teve uma vez o seu começo, o 1793 não se fará esperar".

[...] poderia a *obshchina* russa – forma já muito deteriorada da propriedade comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista?



Aplaudiram de fato a revolução russa e pan-européia como uma revolução operária e como ponto de partida para o desenvolvimento comunista.<sup>40</sup>

Nessas diferentes passagens, Korsch afirma que os próprios Marx e Engels teriam sido responsáveis em darem início a uma transformação de sua obra no sentido de oferecer uma cobertura ideológica a um processo histórico que em sua essência seria a de uma revolução burguesa. Como observamos, o autor de *Marxismo e filosofia* se refere ao apoio *inconseqüente* dos fundadores do materialismo histórico ao que pode ser caracterizado “como uma aventura idealista” dos populistas russos.<sup>41</sup>

Talvez, aqui, novamente, ao lado das questões políticas e, portanto, eminentemente polêmicas, a chave para a compreensão dessas passagens esteja em duas características da sua reflexão: por uma parte, na já lembrada restrição da concepção marxiana ao modo de produção capitalista, e, por outra, em seu “sociologismo”, ou seja, na identificação direta entre os enunciados marxianos e a consciência da classe operária.<sup>42</sup>

Curiosamente, segundo essa leitura, o processo histórico novamente apontaria para a necessidade da realização de uma revolução burguesa. Não podemos, portanto, deixar de ter a paradoxal sensação de que Korsch se reencontra aqui com a tese evolucionista desenvolvida pela Segunda Internacional!

## CONCLUSÃO

É curioso sublinhar que os três importantes marxistas dos quais acabamos de expor suas análises (Plekhanov, Gramsci e Korsch), cada um partindo de posições teóricas e políticas claramente distintas da relação entre o marxismo e a realidade russa, chegaram a uma “estranha proximidade”: Plekhanov, identificando a prática da socialdemocracia russa da necessidade do desenvolvimento do capitalismo na Rússia com a concepção materialista da história; Gramsci, afirmando que a prática



Lênin



Althusser

bolchevique baseada na vontade política permitiu a superação dos rígidos esquemas marxistas desenvolvidos em *O capital*; e por fim Korsch, observando que os próprios Marx e Engels foram responsáveis por uma “retificação” da sua própria teoria,

para incentivar uma política que se chocava com o espírito original dessa teoria, e acabaram involuntariamente se aproximando em suas conclusões sobre a “letra da obra de Marx”.

Esta paradoxal constatação já tinha sido, aliás, descrita por Althusser no capítulo “O marxismo não é um historicismo”, de sua obra *Lire le capital*. Referindo-se a Korsch e a Gramsci e afirmando que a interpretação humanista e historicista de Marx desenvolvida pelos fundadores do marxismo ocidental consistia em uma “reação contra o mecanicismo e o fatalismo da II Internacional”.<sup>43</sup> Althusser, após fazer uma expressa referência ao escrito “Revolução contra *O capital*”, sistematiza o paradoxo da proximidade entre as leituras da II Internacional e dos “fundadores do marxismo ocidental”:

Por mais paradoxal que seja esta conclusão, que sem dúvida me censurarão por tirar e enunciar, somos obrigados a tirá-la: do ponto de vista da *problemática teórica*, e não das intenções ou acento político, esse materialismo humanista e historicista reencontra os princípios teóricos de base da interpretação economicista e mecanicista da II Internacional. Se essa mesma problemática pode sustentar políticas de inspiração diferente, uma fatalista e outra voluntarista, uma passiva e outra consciente e dinâmica – isso se dá pelos recursos do “jogo” teórico que essa problemática teórico-ideológica contém, como toda ideologia. A propósito, é ao conferir, por uma contradição compensatória, à infra-

Referindo-se a Korsch e a Gramsci e afirmando que a interpretação humanista e historicista de Marx desenvolvida pelos fundadores do marxismo ocidental consistia em uma “reação contra o mecanicismo e o fatalismo da II Internacional”.

estrutura os atributos mais ativos da superestrutura política ideológica que um tal historicismo pode se contrapor politicamente às teses da II Internacional [...]. Em resumo, se há dois modos distintos de identificar a superestrutura com a infra-estrutura, ou a consciência com a economia – um que vê na consciência e na política só a economia, quando o outro preenche a economia de política e de consciência, não há em operação nunca mais do que uma única estrutura de identificação: a da problemática que identifica teoricamente os níveis em confronto, reduzindo um ao outro. Essa estrutura comum da problemática teórica é que se torna visível quando analisamos não as intenções teórico ou políticas do mecanicismo-economicismo por um lado, e por outro lado o humanismo-historicismo, e sim a lógica interna de seu mecanismo conceitual.<sup>44</sup>

Portanto, independentemente das diferentes intenções políticas presentes em cada autor e da acenuação do “fator determinante”, que no marxismo da Segunda Internacional recaía na estrutura econômica e que na interpretação humanista e historicista recaía na superestrutura ideológica, isto não impedia o aparecimento de uma paradoxal proximidade na problemática dos autores analisados.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Karl Marx, *O capital, Livro primeiro*, vol. I, tomo 2 (São Paulo: Abril Cultural, 1984), p. 263.
- <sup>2</sup> Karl Marx, *Le capital, Livre premier* (Paris: Éditions Sociales, 1977), p. 519.
- <sup>3</sup> Karl Marx & Friedrich Engels, *Escritos sobre Rússia II: el porvenir de la comuna rural rusa* (México: Siglo XXI, 1980).
- <sup>4</sup> Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifiesto comunista* (org. Osvaldo Coggiola) (São Paulo: Boitempo Editorial, 1998), pp. 72-73.
- <sup>5</sup> “Carta de Karl Marx a Vera Zasulich (Rascunho I)”, em Karl Marx & Friedrich Engels, *Escritos sobre Rússia II: el porvenir de la comuna rural rusa*, cit., p. 32.
- <sup>6</sup> *Ibid.*, p. 39.
- <sup>7</sup> *Ibid.*, p. 45.
- <sup>8</sup> Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifiesto comunista*, cit., p. 73.
- <sup>9</sup> “Carta de Karl Marx a la redacción de *Otchetstviennii Zapiski*”, em Karl Marx & Friedrich Engels, *Escritos sobre Rússia II: el porvenir de la comuna rural rusa*, cit., pp. 64-65.
- <sup>10</sup> O rascunho da carta de Marx à redação de *Otchetstviennii Zapiski* (1877) foi encontrado por Engels, entre os papéis de Marx, que logo o enviou ao grupo Emancipação do Trabalho pedindo que o publicassem. Entretanto, o Grupo não o publicou. Ele será publicado pela primeira vez em uma revista populista em 1886. Por sua vez, a resposta à carta de Vera Zasulich e os seus diferentes rascunhos tiveram uma sorte ainda pior: só serão publicados em 1924 por B. I. Nikolaievski e por D. Riazánov em 1926, ou seja, aproximadamente quarenta anos depois da sua redação.
- <sup>11</sup> Cf. David Riazánov et al., em *Escritos sobre Rússia II*, cit., pp. 21-27; e Haruki Wada, “Marx y la Rusia revolucionaria”, em

Teodor Shanin (org.), *El Marx tardío y la vía rusa. Marx y la periferia del capitalismo* (Madri: Editorial Revolucion, 1990), pp. 60-63.

- <sup>12</sup> Cf. “Socialisme et lutte politique” (1883), em Georges Plekhánov, *Oeuvres philosophiques*, tomo I (Moscou: Editions du Progrès, s.d.), p. 55.
- <sup>13</sup> *Ibid.*, p. 60.
- <sup>14</sup> G. Plekhánov, “Nos controverses” (1884), em *Oeuvres philosophiques*, tomo I, cit., p. 254.
- <sup>15</sup> Uma análise detalhada da concepção histórica de Plekhánov, de sua polêmica com os populistas, em particular contra Nikolai Mikhailovski, e da estreita relação entre as suas concepções políticas e históricas é desenvolvida por Józef Pawlak, em seu livro *Historia i Postep Studium filozofii spolecznej Jerzego Plechanowa* (História e progresso estudo sobre a filosofia social de George Plekhánov) (Poznan: PWN, 1990).
- <sup>16</sup> G. W. Plechanow, *God na rodinie* (Um ano na pátria) (Paris: 1921), p. 54, apud Ruta Swiatlo, *Plechanow* (Varsóvia, 1979), p. 35-36.
- <sup>17</sup> G. W. Plechanow, *God na rodinie*, cit., p. 41.
- <sup>18</sup> Israel Getzler, “Georgui V. Plekhánov: a danação da ortodoxia”, em Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, vol. 3: *O marxismo na época da Segunda Internacional (Segunda Parte)* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984), p. 133.
- <sup>19</sup> Para uma consulta dos artigos sobre a Rússia, Antonio Gramsci, *La città futura 1917-1918* (Turim: Einaudi, 1982). Cf., entre outros, “Morgari in Russia”, *Avanti*, 20-4-1917, pp. 131-133; “Note sulla Rivoluzione Russa”, *Il Grido del Popolo*, 29-4-1917, pp. 138-141; “I massimalisti russi”, *Il Grido del Popolo*, 28-7-1917, pp. 265-267; “Il compito della Rivoluzione Russa”, *Avanti*, 15-8-1917, pp. 274-277; “Kerenski e Lénin”, *Il Grido del Popolo*, 25-08-1º-9-1917, p. 285; “La Russia è socialista”, *Il Grido del Popolo*, 15-9-1917, pp. 342-343; “Kerenski-Cernof”, *Il Grido del Popolo*, 29-9-1917, pp. 358-360; “La situazione politica in Russia”, *Il Grido del Popolo*, 24-11-1917, p. 450.
- <sup>20</sup> Antonio Gramsci, “Kerenski e Lenin”, em *Il Grido del Popolo*, 25-8-1º-9-1917, em *La città futura*, cit., p. 285.
- <sup>21</sup> Antonio Gramsci, “A revolução contra *O capital*” (1917), em *Escritos políticos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004), p. 126-127.
- <sup>22</sup> São as mais diversas as interpretações propostas a respeito desse momento da reflexão gramsciana e das influências presentes em seu pensamento. Entretanto observa Fabio Frosini: “Sobre o idealismo do jovem Gramsci não existem monografias válidas”, Fabio Frosini, “Il ‘ritorno a Marx’ nei *Quaderni del Carcere*” (1930), em Giuseppe Petronio & Marina Paladini Musitelli, *Marx e Gramsci memoria e attualità* (Roma: Manifestolibri, 2001), p. 59, nota 4. Podemos citar como exemplo de diferentes análises, entre outros, os seguintes autores: Nicola Badaloni, *Il marxismo de Gramsci: Dal mito alla ricomposizione politica* (Einaudi: Torino, 1975), que destaca a influência de Sorel; André Tosel, *Marx en italiqnes aux origines de la philosophie italienne contemporaine* (Mauvezin: T.E.R., 1991), que sublinhã a de Gentile; por sua vez Giuseppe Prestipino, “Dall’idealismo italiano ai modelli gramsciani”, em Ruggero Giacomini et al., *Gramsci e L’Italia* (Nápoles: La Città del Sole, 1994), pp. 87-110, destaca a presença de Bergson; Christine Buci Glucksmann, *Gramsci y el Estado. Hacia una teoria materialista de la filosofía* (México: Siglo XXI, 1978), que nos remete a Croce entre outros. Uma outra leitura em aberta polêmica com o filósofo católico Augusto Del Noce – que em seu livro *Il suicidio della rivoluzione* (2ª ed. Milão: Rusconi, 1992) concebia Gramsci como um episódio do neo-idealismo italiano – está o livro de Domenico Losurdo, *Antonio*

Gramsci dal liberalismo al "comunismo critico" (Roma: Gamberetti, 1997).

- <sup>23</sup> Francisco Fernández Buey, *Leyendo Gramsci* (Barcelona: El Viejo Topo, 2001), pp. 100-101.
- <sup>24</sup> Frosini observa que a leitura que Gramsci desenvolvia de Marx no período era fortemente seletiva e claramente marcada pelo neo-idealismo; Fabio Frosini, "Il 'ritorno a Marx' nei *Quaderni del Carcere*" (1930), cit., p. 34.
- <sup>25</sup> Podemos aqui destacar, por exemplo, a contundente crítica dirigida a Claudio Treves, na qual se contrapõe ao seu determinismo. Antonio Gramsci, "La critica critica", *Il Grido del Popolo*, 12-1-1918, em *La città futura*, cit., pp. 554-558. Sobre Gentile, cf.: Antonio Gramsci, "Il socialismo e la filosofia 'attuale'", *Il Grido del Popolo*, 9-2-1918, cit., pp. 650-651.
- <sup>26</sup> Karl Korsch, *Marxismo e filosofia* (Porto: Afrontamento, s/d.), p. 97, nota 35.
- <sup>27</sup> Karl Korsch, *Il materialismo storico. Anti-Kautsky* (Roma-Bari: Laterza, 1971), pp. 12-13, e em uma nota de pé de página refere-se à mesma carta, afirmando que a tinha publicado como apêndice em seu *Kernpunkte*, texto esse que sem o referido apêndice vai ser publicado como anexo ao seu *Marxismo e filosofia*.
- <sup>28</sup> Karl Korsch, "Introducción a *El capital*" (1932), em *Tres ensayos sobre marxismo* (México: Ediciones Era, 1979), pp. 79-80.
- <sup>29</sup> K. Korsch, "Por qué soy marxista", em *Tres ensayos sobre marxismo*, cit., pp. 87-88.
- <sup>30</sup> Karl Korsch, *Karl Marx* (Roma-Bari: Laterza, 1977), p. 175 e nota.
- <sup>31</sup> *Ibid.*, p. 175.
- <sup>32</sup> K. Korsch, "Por qué soy marxista", cit., p. 87. Cf. também a crítica a Kautsky citada na nota 27.
- <sup>33</sup> Karl Korsch, "La filosofía de Lênin", em Anton Pannekoek, *Lenin filósofo* (Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente nº 42).
- <sup>34</sup> Karl Korsch, "Contribución a la história da ideologia marxista na Rússia", em *Teoría marxista y acción política* (México: Cuadernos de Pasado y Presente, nº 84, 1979), p. 180.
- <sup>35</sup> Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifiesto comunista*, cit., p. 73.
- <sup>36</sup> Karl Korsch, "Contribución a la história da ideologia marxista na Rússia", cit., p. 182.
- <sup>37</sup> *Ibid.*, pp. 182-183.
- <sup>38</sup> Karl Korsch, "Sobre algunos presupuestos básicos para una discusión materialista de la teoría de las crisis (1933)", em *Sobre la teoría y la práctica de los marxistas* (Salamanca: Sígueme, 1979), p. 200.
- <sup>39</sup> *Ibid.*, pp. 200-201.
- <sup>40</sup> Karl Korsch, "El marxismo y las tareas actuales en la lucha de clases proletaria" (1938), em *Teoría marxista y acción política*, cit., p. 208.
- <sup>41</sup> Distintos autores sublinharam a diferença de julgamento existente entre o trabalho de Korsch sobre *Karl Marx* e toda uma série de escritos redigidos na mesma época. Como

observou, a esse respeito, o estudioso italiano Gian Enrico Rusconi, essa diferença pode ser explicada a partir de uma particularidade da redação de seu importante livro: "Não se deve esquecer que entre 1934 e 1938 uma das preocupações centrais de Korsch foi a redação de seu livro sobre *Karl Marx*, que era um trabalho *sui generis* destinado ao "público culto burguês" (como escrevia a Mattick em 10 de maio de 1935), redigido também com a intenção de ganhar um lugar, através dele, no mundo acadêmico dos Estados Unidos"; Gian Enrico Rusconi, "Autonomía obrera y contrarrevolución", em Karl Korsch, *Escritos políticos I* (México: Fólíos), p. XXXI, nota 14. Cf. também: Götz Langkau, "Sobre el texto de esta edición", em Karl Korsch, *Karl Marx* (Barcelona: Ariel, 1975), pp. 5-13. Por outro lado, Serge Bricianer, tradutor e comentarista de Korsch, em seus comentários ao texto "Sobre a história da ideologia marxista na Rússia", justifica a diferença entre as posições de Marx observando: uma coisa seria a posição assumida por Marx na sua carta a Mikhailovski – sobre a qual Korsch "sempre teria sublinhado toda a sua importância" –, outra totalmente diferente seria a expressa na carta a Zaslitch, na qual afirma a possibilidade da comuna rural "em estado de decomposição avançada" representar uma base para o comunismo, o que representaria uma posição totalmente diversa. Para ele, essas concessões, embora menos graves, poderiam ser comparadas com as que Marx e Engels fizeram ao "cretinismo parlamentar e estatista da socialdemocracia alemã"; cf., a este respeito, Karl Korsch, *Marxisme et contre-révolution* (Paris: Seuil, 1975), pp. 151-152, coletânea de textos organizada e traduzida por Serge Bricianer.

- <sup>42</sup> Acreditamos que o filósofo italiano Costanzo Preve apreendeu o cerne da reflexão korschiana quando observa de forma polêmica: "A nosso parecer (e aqui nos empenhamos neste audacioso juízo pesando atentamente as palavras) Korsch foi praticamente o único marxista ortodoxo do século XX, no sentido de que foi somente ele a tomar ao pé da letra a identificação marxista entre a classe filosófica dos proletários e a classe sociológica dos operários assalariados. A sua "ortodoxia" não pode obviamente ser completa porque ele sustentou, por exemplo, a tese da aplicabilidade do materialismo histórico somente ao modo de produção capitalista e ao nexos burgueses/proletários [...]. Ele continua entretanto no essencial um grande "ortodoxo", porque para ele a validade da ciência marxiana do comunismo (defendida abertamente por ele com coragem epistemológica como uma "ciência crítica de classe") é ferreamente dependente da capacidade revolucionária do proletariado moderno. O marxismo "decai" cientificamente e se torna uma das tantas utopias históricas comunistas quando é "falsificada" pela história a sua premissa máxima e principal, aquela da revolucionariedade da classe social a qual Marx ligou indissolúvelmente os destinos do anticapitalismo moderno"; Costanzo Preve, *Il pianeta rosso. Saggio su marxismo e universalismo* (Milão: Vangelista, 1992), pp. 107-108.
- <sup>43</sup> Louis Althusser et al., *let O capital*, vol: II (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980), p. 62.
- <sup>44</sup> *Ibid.*, pp. 83-84